

**PELE NEGRA, MÁSCARAS BRANCAS, DE FRANTZ FANON:
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE FILOSOFIA E PARA UMA
EDUCAÇÃO FILOSÓFICA ANTIRRACISTA**

Antonio Felipe Beserra

Mestre em Tecnologias Emergentes. Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação (MUST University). Mestrando em Filosofia (Prof. Filo. / UFCA). Professor de Filosofia da EEEP Deputado José Walfredo Monteiro.

<http://lattes.cnpq.br/2965038283389248>

<https://orcid.org/0009-0003-4675-8757>

E-mail: felipenew9528@outlook.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/BJE-2026.V4N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/BJE-2026.V4N3-05>

RESUMO: O presente artigo analisa as contribuições do pensamento de Frantz Fanon, especialmente a partir da obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, para o Ensino de Filosofia e para a construção de uma educação filosófica antirracista. A pesquisa parte da problemática acerca de como os conceitos desenvolvidos por Fanon podem contribuir para a superação de perspectivas eurocêntricas no ensino filosófico e para a formação de sujeitos críticos na Educação Básica. O objetivo geral consiste em analisar as contribuições da filosofia fanoniana para o Ensino de Filosofia, evidenciando seu potencial como fundamento teórico para práticas educativas comprometidas com a diversidade epistemológica e com o enfrentamento das estruturas raciais de exclusão. Metodologicamente, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada no método dedutivo e com objetivos exploratórios. O levantamento teórico foi realizado nas bases Google Acadêmico e SciELO, considerando estudos sobre Frantz Fanon, Ensino de Filosofia, educação antirracista e perspectivas decoloniais. A fundamentação teórica articula as contribuições de Fanon (2008), Mbembe (2011; 2014), Barbosa e Nogueira (2014), Cerletti (2015), Gallo (2024), Pinheiro (2023), De Almeida Araújo (2020), Libâneo e Pimenta (1999), entre outros autores. Os resultados da análise evidenciam que *Pele Negra, Máscaras Brancas* ultrapassa a condição de uma obra restrita aos estudos raciais, constituindo-se como uma reflexão filosófica sobre subjetividade, colonialismo, reconhecimento e emancipação humana. Conclui-se que a inserção do pensamento fanoniano no Ensino de Filosofia não representa apenas a ampliação do currículo com novos referenciais teóricos, mas uma possibilidade de reconstrução epistemológica da própria prática filosófica, favorecendo uma educação filosófica plural, crítica e comprometida com a superação do racismo e das hierarquias de conhecimento historicamente estabelecidas.

PALAVRAS-CHAVE: Frantz Fanon. Ensino de Filosofia. Educação antirracista. Decolonialidade. Pele Negra. Máscaras Brancas.

**BLACK SKIN, WHITE MASKS, BY FRANTZ FANON: CONTRIBUTIONS TO
THE TEACHING OF PHILOSOPHY AND TO AN ANTI-RACIST
PHILOSOPHICAL EDUCATION**

ABSTRACT: This article analyzes the contributions of Frantz Fanon's thought, particularly based on his work *Black Skin, White Masks*, to Philosophy Teaching and to

the construction of an anti-racist philosophical education. The research is based on the question of how the concepts developed by Fanon can contribute to overcoming Eurocentric perspectives in philosophical education and to the formation of critical subjects in Basic Education. The general objective is to analyze the contributions of Fanonian philosophy to Philosophy Teaching, highlighting its potential as a theoretical foundation for educational practices committed to epistemological diversity and to confronting racial structures of exclusion. Methodologically, this study is characterized as bibliographic research, with a qualitative approach, grounded in the deductive method and exploratory objectives. The theoretical investigation was conducted through the databases Google Scholar and SciELO, considering studies on Frantz Fanon, Philosophy Teaching, anti-racist education, and decolonial perspectives. The theoretical framework articulates the contributions of Fanon (2008), Mbembe (2011; 2014), Barbosa and Noguera (2014), Cerletti (2015), Gallo (2024), Pinheiro (2023), De Almeida Araújo (2020), Libâneo and Pimenta (1999), among other authors. The results of the analysis demonstrate that *Black Skin, White Masks* transcends the condition of a work restricted to racial studies, constituting itself as a philosophical reflection on subjectivity, colonialism, recognition, and human emancipation. It is concluded that the inclusion of Fanonian thought in Philosophy Teaching does not represent merely the expansion of the curriculum through new theoretical references, but rather a possibility for the epistemological reconstruction of philosophical practice itself, fostering a plural, critical philosophical education committed to overcoming racism and historically established hierarchies of knowledge.

KEYWORDS: Frantz Fanon. Philosophy Teaching. Anti-racist Education. Decoloniality. Black Skin. White Masks.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as discussões relacionadas à educação antirracista, à perspectiva decolonial e à valorização de epistemologias historicamente silenciadas pelos processos coloniais têm adquirido crescente relevância no campo das pesquisas educacionais e filosóficas. Esse movimento resulta de um amplo processo de questionamento das estruturas de produção e circulação do conhecimento que, durante séculos, privilegiaram determinadas tradições intelectuais em detrimento de outras formas de elaboração filosófica, cultural e científica. No contexto brasileiro, a promulgação da Lei nº 10.639/2003 constituiu um marco muito importante ao estabelecer a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira na Educação Básica, provocando importantes reflexões acerca dos currículos escolares, das práticas pedagógicas e dos referenciais teóricos que orientam os processos formativos. Entretanto, apesar dos avanços promovidos pela legislação e pelas pesquisas desenvolvidas no campo da educação das relações étnico-raciais, permanece o desafio de superar modelos

curriculares fundamentados predominantemente em uma tradição eurocêntrica, especialmente no Ensino de Filosofia, área historicamente marcada pela centralidade de autores e perspectivas oriundas da tradição filosófica europeia.

Nesse sentido, pensar o Ensino de Filosofia na contemporaneidade exige problematizar não apenas quais conteúdos são ensinados, mas também quais sujeitos, culturas e experiências históricas são reconhecidos como produtores legítimos de pensamento filosófico. Por isso, a permanência de um currículo restrito a determinados cânones filosóficos pode contribuir para a reprodução de hierarquias epistemológicas que invisibilizam outras formas de reflexão sobre o ser humano, a sociedade, a política e a existência. Assim, a ampliação do horizonte filosófico escolar não significa abandonar a tradição ocidental, mas promover um diálogo mais plural entre diferentes matrizes de pensamento, reconhecendo a Filosofia como uma prática intelectual humana que ultrapassa fronteiras geográficas, culturais e históricas.

É nesse cenário que o pensamento de Frantz Fanon se apresenta como uma contribuição filosófica fundamental para compreender as relações entre colonialismo, racismo, subjetividade e emancipação humana. Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, publicada originalmente em 1952, o autor desenvolve uma análise profunda sobre os efeitos psicológicos, sociais e existenciais produzidos pela experiência colonial, demonstrando como a dominação racial não se limita às estruturas econômicas e políticas, mas alcança dimensões subjetivas, linguísticas, culturais e simbólicas. A obra evidencia os processos pelos quais sujeitos negros são submetidos a mecanismos de desumanização e alienação, ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade de uma ruptura com as estruturas coloniais que condicionam formas de perceber a si mesmo e ao outro. Dessa maneira, a filosofia fanoniana ultrapassa uma crítica histórica ao colonialismo, constituindo uma reflexão sobre liberdade, reconhecimento e reconstrução da subjetividade humana.

A relevância de Fanon (2008) para os debates contemporâneos sobre educação e Filosofia também está relacionada ao caráter decolonial de seu pensamento. Como destaca Mbembe (2011), a dimensão africana constitui elemento fundamental da filosofia fanoniana, pois o continente africano não representa tão somente um espaço geográfico a partir do qual Fanon (2008) formula suas reflexões, mas constitui a própria matéria de

sua crítica filosófica e política. Sua obra, portanto, possibilita questionar os limites de uma compreensão da Filosofia reduzida exclusivamente às experiências intelectuais europeias, abrindo espaço para outras tradições de pensamento e para novas formas de interpretar a realidade social.

No âmbito específico do Ensino de Filosofia, a permanência de currículos predominantemente centrados na tradição filosófica europeia constitui um desafio para a construção de uma formação efetivamente plural, crítica e comprometida com a diversidade epistemológica. Conforme argumentam Barbosa e Nogueira (2014), a inserção de filosofias africanas e afro-diaspóricas no ensino não representa somente uma adequação às exigências legais estabelecidas pela Lei nº 10.639/2003, mas configura uma necessidade epistemológica e pedagógica para ampliar a compreensão dos estudantes acerca da própria natureza do pensamento filosófico. Nesse sentido, Barbosa (2015, p. 391) evidencia que:

Fazer estudantes, sejam do ensino médio, sejam universitários, acreditarem que só há produção relevante de filosofia na Europa e nos Estados Unidos implica em afastá-los do exercício filosófico, uma vez que, todos os demais povos não estariam em condições de realizar tão digno Trabalho. Contudo, ao trazer para a sala de aula autores africanos e brasileiros nós estamos dizendo igualmente que pessoas como nós são capazes de fazer filosofia. Mostrar que a filosofia é um caminho que outros como você já trilharam, aproxima o estudante. Faz com que o estudante considere possível pensar e se posicionar sobre si mesmo e sobre o mundo ao seu redor.

A partir dessa perspectiva, inserir o pensamento fanoniano no Ensino de Filosofia não significa simplesmente ampliar a quantidade de autores estudados ou cumprir uma determinação curricular, mas reconhecer a potência filosófica de uma obra que problematiza questões centrais da existência humana, tais como identidade, liberdade, reconhecimento, alienação e relações de poder. O livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* oferece instrumentos conceituais capazes de favorecer uma formação filosófica crítica, na medida em que possibilita aos estudantes refletirem sobre os modos pelos quais as estruturas sociais influenciam a constituição dos sujeitos e sobre a necessidade de construção de formas mais democráticas e plurais de conhecimento.

Embora a produção acadêmica sobre Frantz Fanon, educação antirracista e perspectivas decoloniais tenha apresentado expressivo crescimento nos últimos anos, ainda são limitados os estudos que investigam especificamente as contribuições de *Pele*

Negra, Máscaras Brancas para o Ensino de Filosofia na Educação Básica. Essa lacuna revela a importância de aprofundar o diálogo entre a filosofia fanoniana e as discussões contemporâneas sobre currículo, formação docente e práticas pedagógicas, especialmente diante da necessidade de superar modelos educacionais que historicamente marginalizaram determinados sujeitos e tradições intelectuais.

Diante desse contexto, este artigo busca responder ao seguinte problema de pesquisa: ***de que maneira os conceitos filosóficos desenvolvidos por Frantz Fanon em “Pele Negra, Máscaras Brancas” podem contribuir para o Ensino de Filosofia e para a construção de uma educação filosófica antirracista na Educação Básica?*** Para responder a essa questão, estabelece-se como objetivo geral analisar as contribuições do pensamento de Frantz Fanon, presentes em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, para o Ensino de Filosofia, evidenciando seu potencial na construção de uma educação filosófica antirracista. Como objetivos específicos, pretende-se: examinar os principais conceitos filosóficos desenvolvidos por Fanon (2008) na obra; discutir os desafios do Ensino de Filosofia diante da permanência de perspectivas eurocêntricas no currículo escolar; relacionar o pensamento fanoniano aos fundamentos da educação antirracista e decolonial; e apresentar possibilidades de inserção da filosofia de Fanon (2008) nas práticas pedagógicas da Educação Básica.

Quanto aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa, orientada pelo método dedutivo e com objetivos exploratórios, tendo como referência metodológica Perovano (2016). O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases de dados Google Acadêmico e SciELO, contemplando produções acadêmicas relacionadas ao pensamento de Frantz Fanon, ao Ensino de Filosofia, à educação antirracista e às perspectivas decoloniais. A análise fundamenta-se principalmente nas contribuições de Fanon (2008), Mbembe (2011; 2014), Barbosa e Nogueira (2014), Cerletti (2015), Gallo (2024), Pinheiro (2023), De Almeida Araújo (2020), Libâneo e Pimenta (1999), entre outros autores que discutem as interfaces entre Filosofia, educação e enfrentamento às estruturas raciais de exclusão.

Além desta introdução, o artigo está organizado em uma seção metodológica e três seções de desenvolvimento teórico. Inicialmente, apresenta-se a metodologia da pesquisa, caracterizada como bibliográfica, qualitativa, de método dedutivo e com

objetivos exploratórios, explicitando os procedimentos utilizados para a construção da análise. Na primeira seção teórica, intitulada “Frantz Fanon e a crítica filosófica da colonialidade em *Pele Negra, Máscaras Brancas*”, será analisado o pensamento fanoniano a partir dos conceitos de colonialismo, subjetividade, identidade, alienação e descolonização, evidenciando sua relevância para a compreensão das relações entre poder, raça e constituição do sujeito. Na segunda seção, denominada “O Ensino de Filosofia e a superação do eurocentrismo curricular”, será discutida a constituição do ensino filosófico no contexto brasileiro, problematizando os limites de uma formação historicamente centrada na tradição filosófica europeia e destacando a importância da ampliação dos referenciais epistemológicos por meio de perspectivas plurais, como a afroperspectiva. Na terceira seção, intitulada “Contribuições de Frantz Fanon para uma educação filosófica antirracista”, será estabelecido o diálogo entre a filosofia fanoniana e os fundamentos da educação antirracista e decolonial, evidenciando possibilidades pedagógicas para a inserção de seu pensamento na Educação Básica e para a construção de práticas filosóficas comprometidas com a diversidade e a emancipação humana. Por fim, serão apresentadas as considerações finais, retomando os principais argumentos desenvolvidos ao longo da investigação, destacando as contribuições do pensamento de Fanon (2008) para o Ensino de Filosofia e apontando possibilidades para novas pesquisas no campo da educação filosófica.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza bibliográfica, com abordagem qualitativa, fundamentado no método dedutivo e desenvolvido a partir de objetivos exploratórios. A escolha dessa orientação metodológica justifica-se pela própria natureza do objeto investigado, uma vez que o estudo busca compreender, interpretar e problematizar as contribuições filosóficas de Frantz Fanon, especialmente a partir da obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, relacionando-as às discussões contemporâneas sobre Ensino de Filosofia, educação antirracista e perspectivas decoloniais.

Segundo Perovano (2016), a pesquisa bibliográfica constitui um procedimento científico fundamentado na análise sistemática de materiais já produzidos e publicados, possibilitando ao pesquisador estabelecer diálogos teóricos, identificar diferentes

interpretações sobre determinado fenômeno e construir novas compreensões a partir do confronto entre distintas perspectivas acadêmicas. Nesse sentido, a presente investigação não se limita à reprodução das ideias dos autores analisados, mas busca estabelecer uma interpretação crítica acerca das relações existentes entre filosofia fanoniana, currículo filosófico e formação educacional antirracista.

Quanto à abordagem, a pesquisa assume caráter qualitativo, pois seu foco não está na mensuração de dados ou na quantificação de fenômenos, mas na interpretação dos significados, conceitos e argumentos presentes nas obras selecionadas. Conforme essa perspectiva, o conhecimento é construído por meio da análise das categorias teóricas que emergem dos textos investigados, permitindo compreender como determinados conceitos filosóficos podem contribuir para a reflexão sobre práticas educativas e processos formativos. Assim, a abordagem qualitativa mostra-se adequada para investigar fenômenos relacionados à subjetividade, identidade, colonialidade, reconhecimento e emancipação, aspectos centrais da filosofia de Frantz Fanon.

O método adotado foi o dedutivo, uma vez que a investigação parte de discussões teóricas mais amplas acerca da colonialidade do saber, do eurocentrismo curricular, da educação antirracista e da pluralidade epistemológica para, posteriormente, analisar as contribuições específicas do pensamento fanoniano para o Ensino de Filosofia. De acordo com essa perspectiva metodológica, busca-se compreender como princípios gerais relacionados às estruturas históricas de produção do conhecimento podem auxiliar na interpretação de uma obra filosófica particular e de suas implicações para o campo educacional.

Em relação aos objetivos, a pesquisa caracteriza-se como exploratória, pois procura aprofundar a compreensão sobre uma temática que, embora venha recebendo crescente atenção nos estudos filosóficos e educacionais, ainda apresenta possibilidades de ampliação no campo específico do Ensino de Filosofia. A investigação exploratória permite aproximar diferentes áreas do conhecimento, estabelecendo diálogos entre filosofia africana, estudos decoloniais, currículo escolar e práticas pedagógicas, contribuindo para a construção de novas interpretações sobre o papel da Filosofia na formação crítica dos estudantes.

O levantamento bibliográfico foi realizado por meio de consultas às bases de dados Google Acadêmico e SciELO, considerando produções científicas relacionadas aos seguintes eixos temáticos: Frantz Fanon; *Pele Negra, Máscaras Brancas*; Ensino de Filosofia; educação antirracista; decolonialidade; filosofia africana e currículo. Foram selecionados livros, artigos científicos e pesquisas acadêmicas que apresentassem contribuições teóricas pertinentes ao problema investigado, priorizando autores que discutem as relações entre filosofia, educação, colonialidade e racismo.

O corpus teórico da pesquisa foi constituído, principalmente, pelas contribuições de Fanon (2008), cuja obra fundamenta a análise da subjetividade negra e dos efeitos do colonialismo; Mbembe (2011; 2014), pelas discussões acerca da universalidade de Fanon, da razão negra e das permanências coloniais; Barbosa e Nogueira (2014), pelas reflexões sobre Ensino de Filosofia, Lei nº 10.639/2003 e afroperspectiva; Cerletti (2015) e Gallo (2024), pelas discussões sobre a natureza do ensinar e filosofar; Pinheiro (2023), De Almeida Araújo (2020) e Souza (2025), pelas contribuições ao debate sobre educação antirracista e decolonial; além de Libâneo e Pimenta (1999), no que se refere à formação docente e ao papel social do professor.

Dessa forma, o percurso metodológico adotado possibilitou estabelecer uma análise teórico-crítica sobre as contribuições de Frantz Fanon para o Ensino de Filosofia, compreendendo sua obra não apenas como uma reflexão sobre as relações raciais, mas como uma produção filosófica capaz de questionar os fundamentos epistemológicos que estruturam os currículos e as práticas educativas. A metodologia empregada, portanto, permitiu investigar como o pensamento fanoniano pode contribuir para a construção de uma educação filosófica comprometida com a pluralidade dos saberes, a valorização das diferentes experiências humanas e a superação das hierarquias epistemológicas historicamente estabelecidas.

FRANTZ FANON E A CRÍTICA FILOSÓFICA DA COLONIALIDADE EM PELE NEGRA, MÁSCARAS BRANCAS

A filosofia de Frantz Fanon inseri-se em um contexto histórico marcado pelas consequências do colonialismo europeu, pelas lutas de libertação nacional e pela necessidade de compreender os efeitos profundos da dominação colonial sobre os sujeitos

submetidos à racialização. Diferentemente de uma interpretação restrita que compreende o colonialismo exclusivamente como um sistema político e econômico de exploração territorial, Fanon (2008) evidencia que a experiência colonial produz impactos igualmente decisivos no campo da subjetividade, da linguagem, da cultura e da consciência. Assim, sua reflexão filosófica desloca a análise da dominação colonial para o interior da própria constituição do sujeito, revelando como as estruturas de poder interferem na maneira como indivíduos colonizados percebem a si mesmos, aos outros e ao mundo.

Publicado originalmente em 1952, *Pele Negra, Máscaras Brancas* constitui uma das obras fundamentais para compreender a relação entre racismo, identidade e alienação na modernidade colonial. A obra apresenta uma investigação filosófica sobre a condição do sujeito negro em sociedades estruturadas pela supremacia racial, demonstrando que o racismo não opera somente por meio de mecanismos institucionais ou materiais, mas também pela produção de representações, valores e padrões culturais que estabelecem determinados grupos como superiores e outros como inferiores. Nesse sentido, Fanon (2008) questiona as consequências existenciais de uma ordem social na qual o sujeito negro é constantemente confrontado com uma imagem de si construída pelo olhar colonial.

A reflexão fanoniana permanece profundamente atual para compreender como as estruturas raciais continuam influenciando os processos de formação social e educacional. Conforme discutem Beserra *et al.* (2026), o racismo não deve ser compreendido como um fenômeno isolado ou restrito às relações interpessoais, mas como uma estrutura histórica e epistemológica que interfere nos modos de produção do conhecimento, na construção das identidades e na legitimação de determinadas narrativas culturais em detrimento de outras. Nesse sentido, a educação constitui um espaço fundamental de reprodução ou enfrentamento dessas hierarquias, uma vez que os currículos, as práticas pedagógicas e os referenciais teóricos selecionados revelam concepções específicas sobre humanidade, cultura e conhecimento. A análise desenvolvida por Coelho e Costa (2021) acerca de *Pele Negra, Máscaras Brancas* evidencia que Fanon permite compreender como as relações étnico-raciais atravessam a constituição dos sujeitos, produzindo marcas simbólicas e sociais que afetam a percepção de pertencimento e reconhecimento. Dessa forma, a superação das lógicas coloniais exige não apenas mudanças nas relações sociais,

mas também processos educativos comprometidos com a valorização das experiências históricas e culturais dos grupos racializados, promovendo uma formação crítica capaz de questionar os padrões de inferiorização produzidos pela colonialidade.

A originalidade da análise fanoniana está justamente em compreender que a colonização não domina apenas territórios, mas também consciências. O colonialismo estabelece uma hierarquia de humanidade na qual determinados sujeitos são reconhecidos como plenamente universais enquanto outros são reduzidos à condição de diferença, inferioridade e objeto. Esse processo produz aquilo que o autor martinicano identifica como uma experiência de alienação, pois o sujeito colonizado passa a relacionar-se consigo mesmo a partir de categorias impostas pelo sistema colonial. A "máscara branca", presente no título da obra, simboliza essa tentativa de adequação aos padrões culturais e epistemológicos definidos pelo colonizador, em um movimento no qual o indivíduo busca reconhecimento dentro de uma estrutura que, simultaneamente, nega sua plena humanidade.

A potência filosófica da análise desenvolvida por Fanon (2008) encontra-se justamente na compreensão de que o colonialismo não produz somente formas externas de dominação, mas interfere profundamente nos processos pelos quais os sujeitos constroem sua relação consigo mesmos e com o mundo. Ao investigar os efeitos do racismo sobre a subjetividade negra, o autor demonstra que a opressão colonial atua também no campo simbólico, pois estabelece referências de humanidade nas quais a branquitude é apresentada como modelo universal de existência, enquanto a negritude é frequentemente associada à ausência, à inferiorização e à diferença. Conforme evidencia De Castro (2024), *Pele Negra, Máscaras Brancas* revela os mecanismos pelos quais o racismo atravessa a formação psicológica e social do indivíduo negro, produzindo conflitos identitários decorrentes da necessidade de reconhecimento em uma sociedade organizada por padrões coloniais de valorização humana. Nesse sentido, a metáfora da "máscara branca" expressa uma condição histórica em que o sujeito racializado é levado a incorporar referências culturais e comportamentais impostas como superiores, não porque estas representem uma escolha livre, mas porque funcionam como uma estratégia de sobrevivência diante de estruturas sociais que negam sua plena humanidade.

A partir dessa perspectiva, o pensamento fanoniano ultrapassa uma análise limitada das relações raciais e insere-se em uma reflexão filosófica mais ampla sobre reconhecimento, liberdade e emancipação. Como argumenta Rocha (2015), a crítica de Fanon direciona-se à contradição existente entre um discurso universalista de humanidade e as práticas históricas que excluíram determinados grupos da condição de sujeitos plenamente reconhecidos. A questão central não está na rejeição da ideia de universalidade, mas na denúncia de um universalismo construído a partir de experiências particulares apresentadas como referência para todos os povos. Nesse movimento crítico, a negritude aparece em Fanon (2008) não como uma essencialização da identidade negra, mas como uma resposta histórica e política diante de um processo de desumanização. Conforme discutem Faustino (2015; 2020), compreender a filosofia fanoniana exige reconhecer sua complexidade teórica, pois sua reflexão articula dimensões psicológicas, políticas, sociais e existenciais na análise da experiência colonial. A afirmação da identidade negra, nesse horizonte, constitui um momento necessário de ruptura com as estruturas que produziram a alienação colonial, possibilitando a construção de novas formas de reconhecimento e de existência para além das categorias estabelecidas pelo colonizador.

A reflexão de Fanon (2008) aproxima-se, nesse sentido, de uma investigação fenomenológica da experiência racializada. O filósofo analisa como o corpo negro deixa de ser percebido somente como uma dimensão própria da existência e passa a ser interpretado socialmente por meio dos significados atribuídos pelo racismo. O corpo torna-se, então, um espaço atravessado por discursos, símbolos e relações de poder. A experiência do sujeito negro não é determinada unicamente por sua consciência individual, mas pela maneira como ele é situado dentro de um mundo social construído historicamente pela colonialidade.

Essa perspectiva demonstra que o racismo possui uma dimensão ontológica, pois interfere na própria possibilidade de reconhecimento do sujeito enquanto ser humano pleno. Fanon (2008) revela que a violência colonial não consiste somente na exploração econômica ou na exclusão política, mas também na imposição de uma imagem desumanizada sobre aqueles que foram submetidos ao domínio colonial. Como observa Faustino (2015), compreender Fanon exige reconhecer que sua obra não se limita a uma

denúncia do racismo, mas constitui uma reflexão filosófica sobre os mecanismos pelos quais a colonialidade produz subjetividades marcadas pela negação e pela inferiorização.

Nesse horizonte, a contribuição de Fanon (2008) para a Filosofia reside na ampliação do debate sobre o sujeito moderno. Enquanto parte significativa da tradição filosófica ocidental construiu concepções universais de humanidade frequentemente desvinculadas das experiências históricas concretas, Fanon (2008) demonstra que a existência humana é atravessada por relações sociais, históricas e políticas. O sujeito não é pensado como uma consciência abstrata isolada, mas como uma existência situada em determinado contexto histórico. Dessa forma, sua filosofia questiona a suposta neutralidade de conceitos universais quando estes são produzidos dentro de estruturas marcadas pela desigualdade colonial.

A dimensão africana do pensamento fanoniano é fundamental para compreender essa ruptura epistemológica. Conforme destaca Mbembe (2011, p. 5):

A África não é apenas o lugar a partir do qual Fanon pensa. É o próprio tema desse pensamento, bem como a sua matéria. E é à África que ele se dirige em primeiro lugar. Foi essa “africanidade” do pensamento de Fanon que, infelizmente, se perdeu de vista, precisamente porque a África terá sido o ponto de partida da sua teoria revolucionária e da sua praxis anticolonial.

Essa observação evidencia que Fanon (2008) não deve ser interpretado simplesmente como um crítico europeu do colonialismo, mas como um pensador profundamente vinculado às experiências históricas africanas e às lutas anticoloniais. Sua filosofia nasce do confronto entre a realidade colonial e a busca por novas possibilidades de existência, reconhecimento e emancipação. Por essa razão, seu pensamento ocupa posição central nos debates contemporâneos sobre filosofia africana, estudos decoloniais e crítica às estruturas eurocêntricas de produção do conhecimento.

Outro aspecto fundamental de *Pele Negra, Máscaras Brancas* refere-se à relação entre linguagem e poder. O Filósofo e Psiquiatra demonstra que a língua não constitui tão só um instrumento neutro de comunicação, mas um espaço no qual relações históricas de dominação podem ser reproduzidas. A assimilação da linguagem do colonizador frequentemente aparece como uma tentativa de aproximação de um modelo de humanidade considerado superior. Entretanto, essa busca por reconhecimento ocorre dentro de uma estrutura desigual, na qual o sujeito negro precisa negar ou ocultar

elementos de sua própria experiência para alcançar uma aceitação que nunca é plenamente concedida (Lima, 2021).

Essa análise permanece extremamente atual para pensar os processos educacionais, pois evidencia que os currículos escolares também podem funcionar como espaços de legitimação ou silenciamento de determinados conhecimentos. Quando apenas determinadas tradições filosóficas são apresentadas como universais, corre-se o risco de reproduzir uma hierarquia epistemológica semelhante àquela criticada por Fanon (2008). Por outro lado, a inserção de perspectivas filosóficas africanas e afro-diaspóricas possibilita ampliar a compreensão dos estudantes sobre a pluralidade das formas humanas de produzir conhecimento.

Nesse sentido, a descolonização proposta por Fanon (2008) não deve ser compreendida restritivamente como uma ruptura política com o domínio colonial, mas como uma transformação profunda das formas de pensar, conhecer e reconhecer o outro. Como afirma De Castro (2024, p. 799):

É através dessa descolonização completa que os povos colonizados poderão reconstruir suas identidades, suas relações sociais e buscar um novo olhar sobre si mesmos. A obra de Fanon oferece, assim, uma visão extremamente profunda e impactante sobre as complexidades desse processo, evidenciando sua imensa relevância para a compreensão das dinâmicas das relações sociais e identitárias. Por conseguinte, ao analisarmos *Pele Negra, Máscaras Brancas*, somos convidados a refletir atentamente sobre a necessidade urgente de descolonização em diversas esferas, bem como a valorização da cultura e experiência dos povos colonizados, visando, dessa forma, a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Portanto, a análise de *Pele Negra, Máscaras Brancas* revela que o pensamento fanoniano ultrapassa os limites de uma crítica histórica ao colonialismo, constituindo uma filosofia da existência marcada pela preocupação com liberdade, reconhecimento e emancipação. Ao evidenciar os impactos subjetivos e epistemológicos da dominação colonial, Fanon (2008) oferece instrumentos conceituais fundamentais para repensar a Filosofia como uma prática plural e situada historicamente. Essa perspectiva será essencial para compreender, na próxima seção, os desafios do Ensino de Filosofia diante da permanência de estruturas curriculares eurocêntricas e as possibilidades de construção de uma formação filosófica mais ampla e inclusiva.

O ENSINO DE FILOSOFIA E A SUPERAÇÃO DO EUROCENTRISMO CURRICULAR

Pensar o Ensino de Filosofia na contemporaneidade implica enfrentar questões que ultrapassam a dimensão instrumental da seleção de conteúdos, das metodologias de ensino ou das estratégias didáticas utilizadas em sala de aula. Antes de definir quais filósofos e conceitos devem compor um currículo filosófico, torna-se necessário questionar quais concepções de Filosofia orientam os processos formativos e quais sujeitos históricos são reconhecidos como produtores legítimos de pensamento. Essa problemática assume particular relevância quando se considera que os currículos escolares não são construções neutras ou desvinculadas das relações históricas de poder, mas expressam determinadas compreensões acerca do conhecimento, da humanidade e das formas consideradas legítimas de interpretar o mundo.

Sob essa perspectiva, o Ensino de Filosofia não pode ser compreendido como um processo voltado exclusivamente à transmissão da história das ideias ou à apresentação cronológica de sistemas filosóficos, mas como uma experiência formativa capaz de desenvolver nos estudantes a atitude crítica diante da realidade em que vivem. Ao analisarem as concepções de pesquisadores sobre o ensino filosófico na Educação Básica, Gabriel, Pereira e Mendes (2022) evidenciam que a disciplina adquire sentido quando favorece a problematização de questões concretas, estimula a argumentação, a autonomia intelectual e a reflexão acerca dos desafios sociais contemporâneos, superando práticas centradas na mera memorização de conteúdos. Essa compreensão aproxima-se da leitura realizada por Gordon (2022) acerca da filosofia de Frantz Fanon, para quem o pensamento filosófico somente preserva sua potência crítica quando se confronta com as condições históricas que produzem desumanização, violência e exclusão. Ao interpretar Fanon, Gordon (2022) demonstra que filosofar significa enfrentar os dilemas concretos da existência humana, recusando perspectivas abstratas que ignoram os efeitos do colonialismo e do racismo sobre a vida dos sujeitos. Nessa direção, um Ensino de Filosofia comprometido com a formação crítica deve criar condições para que os estudantes compreendam o conhecimento filosófico como instrumento de interpretação e transformação da realidade, reconhecendo que a produção do pensamento está intrinsecamente relacionada às experiências históricas, culturais e políticas que constituem a humanidade em sua pluralidade.

Historicamente, o Ensino de Filosofia no Brasil consolidou-se a partir de uma forte vinculação com o cânone filosófico europeu, privilegiando autores, conceitos e problemas oriundos principalmente da tradição greco-romana e moderna ocidental. A presença de pensadores como Platão, Aristóteles, Descartes, Kant, Hegel, Nietzsche e outros filósofos europeus possui indiscutível relevância para a formação filosófica, uma vez que suas obras constituem referências fundamentais para a história do pensamento humano. Entretanto, quando essa tradição é apresentada como única expressão possível da racionalidade filosófica, produz-se uma redução da própria compreensão da Filosofia, como se o exercício filosófico fosse uma atividade restrita a determinados povos, períodos históricos e espaços geográficos.

A centralidade histórica atribuída ao pensamento europeu nos currículos filosóficos suscita uma reflexão acerca dos critérios que definem quais tradições intelectuais são reconhecidas como constitutivas da Filosofia. Conforme observa Moraes (2007), o Ensino de Filosofia deve promover o desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva dos estudantes, o que pressupõe um contato com diferentes perspectivas de interpretação da realidade, e não apenas com a assimilação de conteúdos historicamente consagrados. Nessa direção, restringir o universo filosófico a uma única matriz cultural compromete o próprio caráter problematizador da disciplina, pois reduz a diversidade de experiências humanas que alimentam a reflexão filosófica. As análises de Mendes (2025) sobre *Pele Negra, Máscaras Brancas* reforçam essa compreensão ao evidenciar que Fanon (2008) desvela os efeitos da colonialidade na constituição do ser negro, demonstrando que os processos de inferiorização racial também se sustentam pela exclusão de determinados sujeitos dos espaços de produção e legitimação do conhecimento. Desse modo, ampliar o repertório filosófico escolar significa reconhecer que a Filosofia se constitui como uma atividade intelectual plural, desenvolvida em diferentes contextos históricos e culturais, permitindo que o currículo escolar contribua para a formação de sujeitos capazes de compreender criticamente a complexidade das relações sociais e das múltiplas formas de produção do pensamento humano.

Essa questão não significa negar a importância da tradição filosófica europeia, tampouco propor sua exclusão dos currículos escolares. O problema reside na transformação histórica de uma tradição particular em um modelo supostamente universal, processo que contribuiu para estabelecer hierarquias epistemológicas

responsáveis por classificar determinados conhecimentos como filosóficos e outros como meras manifestações culturais, religiosas ou míticas. A crítica decolonial evidencia que o colonialismo não operou somente pela exploração econômica, pela dominação política e pelo controle territorial, mas também pela imposição de critérios específicos de validação do conhecimento. Assim, a colonialidade do saber manifesta-se justamente quando determinadas formas de pensamento são apresentadas como universais e neutras, enquanto outras experiências intelectuais são silenciadas, marginalizadas ou excluídas dos espaços institucionais de produção do conhecimento.

Nesse sentido, o Ensino de Filosofia constitui um campo privilegiado para problematizar essas estruturas, pois a Filosofia, enquanto atividade crítica, possui como característica fundamental a capacidade de questionar seus próprios fundamentos. Ensinar Filosofia não significa apenas transmitir uma tradição consolidada, mas criar condições para que os estudantes desenvolvam a capacidade de formular problemas, construir argumentos, analisar conceitos e compreender criticamente a realidade na qual estão inseridos. Conforme argumenta Gallo (2024), uma filosofia do ensino de Filosofia precisa considerar que o ato de filosofar não se reduz à reprodução histórica de sistemas conceituais previamente estabelecidos, mas envolve uma experiência de pensamento capaz de produzir novas interpretações sobre o mundo e sobre a existência humana.

Essa compreensão aproxima-se da perspectiva de Cerletti (2015), para quem o ensino filosófico não pode ser reduzido a uma simples atividade de transmissão de conteúdos, pois filosofar envolve uma relação ativa entre sujeitos, problemas e conceitos. A aula de Filosofia deve constituir-se como espaço de criação intelectual, no qual os estudantes possam estabelecer relações entre os conceitos filosóficos e as questões concretas que atravessam suas experiências históricas e sociais. Dessa maneira, um Ensino de Filosofia comprometido com a formação crítica não pode ignorar as múltiplas formas pelas quais diferentes povos produziram reflexões sobre temas fundamentais como existência, ética, política, conhecimento, liberdade e humanidade.

É nesse horizonte que a incorporação de filosofias africanas, afro-diaspóricas e de outras tradições historicamente marginalizadas no currículo filosófico brasileiro deve ser compreendida. Mais do que ampliar quantitativamente o número de autores estudados, trata-se de promover uma transformação qualitativa na própria compreensão do que

significa filosofar. Como destacam Barbosa e Nogueira (2014), a implementação da Lei nº 10.639/2003 não representa somente uma exigência normativa relacionada ao ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira, mas também uma oportunidade epistemológica para reconhecer a participação dos povos africanos e afrodescendentes na produção do conhecimento humano.

Nesse contexto, a presença de Frantz Fanon no Ensino de Filosofia assume uma relevância singular, pois sua obra evidencia que questões relacionadas à identidade, subjetividade, liberdade, reconhecimento e humanidade não pertencem exclusivamente a uma tradição filosófica específica. Fanon (2008) demonstra que experiências históricas marcadas pelo colonialismo e pela racialização também produzem conceitos filosóficos capazes de interpretar criticamente a realidade. Sua inserção no currículo filosófico, portanto, não deve ocorrer como uma inclusão periférica ou complementar, mas como reconhecimento de sua contribuição efetiva para a ampliação das fronteiras da Filosofia.

Essa discussão torna-se ainda mais necessária quando se considera que o currículo escolar participa diretamente da formação das referências culturais e intelectuais dos estudantes. As escolhas curriculares comunicam quais conhecimentos são considerados importantes, quais sujeitos são reconhecidos como produtores de saber e quais experiências humanas são legitimadas como objetos de reflexão filosófica. Quando estudantes entram em contato predominantemente com filósofos europeus, sem acesso a outras tradições intelectuais, pode-se reforçar a ideia equivocada de que a Filosofia constitui uma produção exclusiva do Ocidente e que outros povos seriam apenas objetos analisados pelo pensamento filosófico, e não sujeitos capazes de produzir conceitos e interpretações sobre a realidade.

A superação desse modelo exige compreender o currículo filosófico como um espaço de disputa epistemológica e de reconstrução das narrativas sobre a produção do conhecimento. Nesse sentido, a proposta de uma Filosofia em afroperspectiva apresenta-se como uma alternativa crítica ao eurocentrismo curricular, pois não busca substituir uma hegemonia por outra, mas ampliar o campo filosófico mediante o reconhecimento da pluralidade das experiências humanas. Conforme afirma Nogueira (2014, p. 71):

[...] colocar a história da filosofia em afroperspectiva permitirá a consideração do pensamento filosóficos dos povos ameríndios, dos povos asiáticos, da Oceania, além da produção filosófica africana. Ou

seja, afroperspectivizar a filosofia é um projeto de passar a limpo a história, tanto para dirimir as consequências negativas de eliminar culturas e povos não ocidentais no rol do pensamento filosófico, como para desfazer a hierarquização que advém desse processo.

A reflexão apresentada por Nogueira (2014) evidencia que a afroperspectiva não deve ser interpretada como uma simples estratégia de inclusão de determinados autores no currículo, mas como uma proposta filosófica que questiona os próprios critérios utilizados historicamente para definir o que é considerado Filosofia. Ao propor uma revisão da história do pensamento humano, a afroperspectiva evidencia que diferentes povos construíram sistemas de interpretação da realidade, formularam problemas filosóficos e produziram conceitos relacionados às questões fundamentais da existência.

Dessa maneira, a ampliação do Ensino de Filosofia para além dos limites de um currículo eurocentrado não representa uma fragmentação da disciplina, mas uma possibilidade de fortalecê-la enquanto prática crítica e universal no sentido mais amplo do termo. A universalidade filosófica não deve significar a imposição de uma única tradição como representante de toda humanidade, mas a abertura para o diálogo entre múltiplas experiências históricas e culturais. Uma Filosofia verdadeiramente universal é aquela capaz de reconhecer diferentes formas de pensamento sem estabelecer hierarquias previamente determinadas entre elas.

Portanto, superar o eurocentrismo curricular no Ensino de Filosofia significa recuperar uma dimensão fundamental da própria atividade filosófica: a capacidade permanente de questionar seus pressupostos, ampliar seus horizontes e reconhecer novos lugares de produção do pensamento. Nesse processo, o pensamento de Frantz Fanon ocupa posição estratégica, pois sua filosofia possibilita compreender como as estruturas coloniais atravessam não apenas as relações sociais, mas também as formas de conhecer e ensinar. Assim, a inserção de Fanon (2008) no espaço escolar constitui uma oportunidade de construção de uma educação filosófica mais plural, crítica e comprometida com o reconhecimento da diversidade epistemológica.

CONTRIBUIÇÕES DE FRANTZ FANON PARA UMA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA ANTIRRACISTA

A inserção do pensamento de Frantz Fanon no Ensino de Filosofia ultrapassa a simples ampliação quantitativa do repertório bibliográfico trabalhado nos espaços escolares. Sua filosofia oferece fundamentos teóricos capazes de repensar as próprias finalidades da educação filosófica, sobretudo quando esta é compreendida como uma prática formativa orientada para o desenvolvimento da autonomia intelectual, da consciência crítica e da capacidade de interpretar as estruturas históricas, políticas e culturais que atravessam a existência humana. Nesse sentido, a contribuição de Fanon (2008) para o campo educacional não se limita aos temas específicos abordados em sua obra, mas encontra-se, principalmente, na maneira como estabelece uma profunda relação entre conhecimento, subjetividade, poder e emancipação.

A filosofia fanoniana parte da compreensão de que a experiência colonial não produz apenas dominação econômica e política, mas também interfere profundamente nos processos de constituição do sujeito. O colonialismo atua sobre a linguagem, sobre os modos de representação, sobre os valores culturais e sobre a própria percepção que os indivíduos constroem acerca de si mesmos. Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, Fanon (2008) evidencia que o racismo colonial produz uma cisão existencial no sujeito negro, submetendo-o a um sistema simbólico no qual a identidade negra é constantemente associada à inferioridade, à desumanização e à ausência de reconhecimento.

Desse modo, o racismo, para o autor, não pode ser compreendido meramente como um conjunto de atitudes individuais ou comportamentos isolados de preconceito, haja vista o livro explicitar uma estrutura histórica e social que organiza relações de poder, estabelece hierarquias entre grupos humanos e influencia as formas pelas quais determinados sujeitos são reconhecidos ou negados em sua humanidade. A dimensão filosófica dessa análise reside justamente em demonstrar que as relações raciais interferem em questões fundamentais da existência humana, tais como identidade, liberdade, reconhecimento, consciência e pertencimento.

Essa compreensão possui implicações diretas para o Ensino de Filosofia, pois evidencia que os processos educativos também participam da formação das subjetividades. A escola não constitui um espaço exterior às relações sociais, mas um

ambiente no qual valores, narrativas históricas e concepções de humanidade são constantemente produzidos e reproduzidos. Portanto, uma educação filosófica comprometida com a emancipação humana precisa questionar quais conhecimentos são legitimados, quais experiências são reconhecidas e quais sujeitos aparecem historicamente como produtores ou como objetos do pensamento (Rodrigo, 2021).

Sob essa perspectiva, a presença do pensamento de Frantz Fanon no Ensino de Filosofia adquire relevância não apenas pela ampliação do repertório de autores trabalhados na Educação Básica, mas sobretudo por possibilitar uma revisão crítica das bases epistemológicas que historicamente orientaram a constituição do currículo filosófico. Conforme argumenta Rocha (2015), a reflexão fanoniana problematiza a tensão existente entre a pretensão universalista da modernidade ocidental e os processos concretos de exclusão produzidos pelo colonialismo e pelo racismo. Ao evidenciar que determinados sujeitos foram sistematicamente privados do reconhecimento de sua plena humanidade, Fanon (2008) demonstra que o universalismo, quando desvinculado de uma crítica às relações históricas de poder, pode converter-se em mecanismo de legitimação das desigualdades. Inserir essa discussão no Ensino de Filosofia significa oferecer aos estudantes instrumentos conceituais para compreender que as categorias filosóficas são construídas em contextos históricos específicos e, por isso, devem permanecer abertas ao questionamento crítico.

Essa perspectiva converge com as reflexões desenvolvidas por Souza (2025), ao defender que uma crítica decolonial ao Ensino de Filosofia não implica rejeitar a tradição filosófica europeia, mas problematizar sua histórica exclusividade como referência para a formação intelectual. A autora demonstra que a permanência de currículos excessivamente eurocentrados restringe as possibilidades de compreensão da própria atividade filosófica, invisibilizando outras tradições de pensamento e limitando o reconhecimento da diversidade epistemológica que caracteriza a experiência humana. Nessa direção, a incorporação de autores como Frantz Fanon amplia o horizonte interpretativo da Filosofia escolar, permitindo que os estudantes estabeleçam relações entre conceitos filosóficos e problemáticas contemporâneas, como colonialidade, racismo estrutural, identidade, reconhecimento e justiça social. A pluralização do currículo, portanto, não representa apenas uma ampliação temática, mas um movimento de democratização do conhecimento filosófico e de fortalecimento da formação crítica.

Essa ampliação epistemológica encontra respaldo, ainda, nas contribuições de Teixeira e Ribeiro (2022), que compreendem *Pele Negra, Máscaras Brancas* como uma obra capaz de ressignificar a alteridade a partir de uma perspectiva decolonial. Segundo os autores, a filosofia fanoniana rompe com interpretações que naturalizam as hierarquias produzidas pela experiência colonial e propõe uma compreensão da condição humana fundada no reconhecimento da dignidade e da pluralidade das experiências históricas. Transportada para o contexto educacional, essa leitura evidencia que o Ensino de Filosofia pode constituir-se como um espaço privilegiado para o enfrentamento das formas de exclusão epistemológica ainda presentes na escola, favorecendo práticas pedagógicas que valorizem diferentes tradições intelectuais e estimulem os estudantes a compreender o filosofar como uma atividade crítica, situada historicamente e comprometida com a construção de relações sociais mais democráticas e equânimes.

Nesse contexto, a educação antirracista não pode ser reduzida ao ensino pontual de conteúdos relacionados à diversidade racial, à realização de atividades comemorativas ou à inclusão superficial de determinados autores negros no currículo. Uma perspectiva verdadeiramente antirracista exige uma transformação estrutural das práticas educativas, envolvendo a formação docente, a organização curricular, os critérios de seleção dos conhecimentos e as formas pelas quais a escola compreende sua função social. Trata-se de reconhecer que combater o racismo implica também enfrentar as estruturas epistemológicas que historicamente produziram silenciamentos e exclusões.

Como afirma Pinheiro (2023, p. 145):

O educador, a educadora antirracista é, acima de tudo, uma pessoa consciente de si dentro dos sistemas de opressão que estruturam a nossa sociedade. Ele/ela é um sujeito que, em uma sociedade estruturalmente racista, compreende que não há como fugir psicologicamente desse mal social se não destruímos o racismo em suas bases.

A reflexão de Pinheiro (2023) evidencia que a atuação docente possui uma dimensão ética, política e epistemológica. O professor antirracista não é apenas aquele que aborda a temática racial em suas aulas, mas aquele que compreende como as estruturas de desigualdade atravessam os processos de produção e circulação do conhecimento. No Ensino de Filosofia, essa responsabilidade assume uma relevância particular, pois a própria tradição filosófica historicamente ensinada nas escolas precisa

ser problematizada em seus critérios de seleção, seus silenciamentos e suas formas de representação da humanidade.

Ensinar Filosofia em uma perspectiva antirracista significa, portanto, possibilitar que os estudantes desenvolvam a capacidade de questionar como determinados discursos foram historicamente construídos e quais sujeitos foram excluídos dos espaços de produção intelectual. Logo, a Filosofia, enquanto atividade crítica, não deve simplesmente apresentar conceitos consolidados, mas permitir que os estudantes compreendam as condições históricas de produção desses conceitos e suas relações com os problemas concretos da sociedade.

Nesse sentido, o pensamento fanoniano contribui para compreender que o processo educativo não ocorre em um espaço neutro ou desvinculado das relações de poder. Toda prática educativa está inserida em contextos históricos específicos e participa da construção das formas pelas quais os sujeitos interpretam a si mesmos e o mundo ao seu redor. Uma educação filosófica inspirada em Fanon (2008) deve reconhecer que os estudantes chegam ao espaço escolar trazendo experiências culturais, sociais e históricas diversas, que não podem ser ignoradas ou tratadas como elementos externos ao conhecimento filosófico.

Essa perspectiva aproxima-se da análise De Almeida Araújo (2020), ao destacar a importância do pensamento fanoniano para uma educação decolonial e antirracista. Para a autora, incorporar a reflexão decolonial ao exercício profissional docente significa romper com narrativas únicas e reconhecer a existência de múltiplas formas de produção do conhecimento. Nesse sentido:

Trazendo o pensamento decolonial para o exercício profissional em sala de aula, acreditamos que o educador tem papel fundamental em ser uma referência para as(os) alunas(os), levando essas reflexões para sala de aula, explicitando que a história não é apenas eurocêntrica, que temos outros protagonistas e esse movimento de contestação precisa motivar o ensino/pesquisa/aprendizagem/extensão (De Almeida Araújo, 2020, p. 252).

A contribuição dessa perspectiva para o Ensino de Filosofia está justamente em deslocar a figura do professor de um transmissor de conteúdos previamente estabelecidos para a condição de mediador de experiências filosóficas capazes de estimular reflexão, questionamento e criação conceitual. O docente de Filosofia não deve limitar-se à apresentação cronológica de sistemas filosóficos, mas criar condições para que os

estudantes percebam como os conceitos emergem de conflitos históricos, experiências humanas e diferentes modos de compreender a realidade.

Essa concepção aproxima-se da compreensão apresentada por Libâneo e Pimenta (1999, p. 262), quando afirmam:

[...] dizemos que o professor é um profissional do humano que: ajuda o desenvolvimento pessoal/intersubjetivo do aluno; um facilitador do acesso do aluno ao conhecimento (informador informado); um ser de cultura que domina de forma profunda sua área de especialidade (científica e pedagógica/educacional) e seus aportes para compreender o mundo; um analista crítico da sociedade, portanto, que nela intervém com sua atividade profissional; um membro de uma comunidade de profissionais, portanto, científica (que produz conhecimento sobre sua área) e social.

A partir dessa compreensão, o professor de Filosofia assume uma dupla responsabilidade: possuir domínio rigoroso dos conteúdos filosóficos e desenvolver a capacidade de relacioná-los criticamente aos problemas sociais, históricos e culturais presentes na realidade dos estudantes. Uma educação filosófica antirracista exige precisamente essa articulação entre conhecimento filosófico e análise crítica da sociedade, pois o racismo, enquanto estrutura histórica, também interfere nos modos de conhecer, ensinar e aprender.

Nesse aspecto, a filosofia de Fanon (2008) oferece uma contribuição decisiva ao demonstrar que a emancipação humana depende igualmente de processos de reconstrução simbólica, cultural e epistemológica. A descolonização, em seu pensamento, não representa somente a ruptura com uma estrutura política de dominação, mas envolve uma transformação profunda das formas pelas quais os sujeitos colonizados passam a compreender sua própria humanidade. Como observa Mbembe (2011), a África não constitui apenas o espaço geográfico a partir do qual Fanon pensa, mas a própria matéria de seu pensamento, sendo fundamento de sua crítica ao colonialismo e de sua proposta de transformação histórica.

Essa dimensão emancipatória também aparece na reflexão de Mbembe (2014, p. 297):

Enquanto persistir a ideia segundo a qual só se deve justiça aos seus e que existem raças e povos desiguais, e enquanto se continuar a fazer crer que a escravidão e o colonialismo foram grandes feitos da civilização, a temática da reparação continuará a ser mobilizada pelas vítimas históricas da expansão e da brutalidade europeia no mundo.

A reflexão de Mbembe (2014) evidencia que o enfrentamento ao racismo exige uma revisão das narrativas históricas e dos conhecimentos legitimados socialmente. No campo educacional, isso significa reconhecer que o currículo também pode reproduzir ou questionar determinadas hierarquias epistemológicas. Uma educação filosófica antirracista precisa, portanto, promover uma formação capaz de identificar os processos históricos responsáveis pela produção das desigualdades e desenvolver nos estudantes uma postura crítica diante das formas contemporâneas de exclusão.

Dessa maneira, trabalhar *Pele Negra, Máscaras Brancas* no Ensino de Filosofia possibilita compreender que os conceitos filosóficos não surgem isolados das experiências humanas, mas são produzidos em contextos históricos concretos. A obra de Fanon (2008) permite discutir como as relações de poder atravessam a construção das identidades, como a linguagem participa da produção das hierarquias sociais e como a Filosofia pode constituir-se como instrumento de crítica, resistência e transformação.

Além disso, a presença de Fanon (2008) no currículo filosófico contribui para superar a falsa oposição entre Filosofia e questões sociais. A Filosofia jamais esteve separada dos grandes problemas humanos de seu tempo; ao contrário, sua história é marcada pela reflexão sobre justiça, política, liberdade, conhecimento e existência. Nesse sentido, abordar o racismo, o colonialismo e as relações de poder não significam abandonar o campo filosófico, mas recuperar sua dimensão originariamente crítica e questionadora.

Portanto, as contribuições de Frantz Fanon para uma educação filosófica antirracista residem na possibilidade de compreender a Filosofia como uma prática de emancipação humana. Sua obra permite repensar o Ensino de Filosofia como espaço de formação crítica, reconhecimento da diversidade epistemológica e enfrentamento das estruturas coloniais que permanecem presentes na sociedade contemporânea. Inserir Fanon (2008) no currículo filosófico não significa meramente acrescentar um novo autor à tradição estudada, mas ampliar a própria compreensão do que significa filosofar, reconhecendo que diferentes povos e experiências históricas possuem capacidade legítima de produzir pensamento filosófico e interpretar criticamente o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as contribuições do pensamento de Frantz Fanon, especialmente a partir da obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, para o Ensino de Filosofia e para a construção de uma educação filosófica antirracista. Partindo do problema de pesquisa que questionou de que maneira os conceitos desenvolvidos por Fanon (2008) podem contribuir para a formação filosófica dos estudantes da Educação Básica, buscou-se demonstrar que sua filosofia oferece importantes fundamentos teóricos para repensar tanto os currículos filosóficos quanto as práticas pedagógicas desenvolvidas no espaço escolar.

A partir da análise bibliográfica realizada, foi possível compreender que a obra fanoniana ultrapassa os limites de uma reflexão restrita às relações raciais, constituindo-se como uma investigação filosófica profunda sobre subjetividade, reconhecimento, colonialismo, liberdade e humanidade. Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, Fanon (2008) evidencia que o colonialismo não atua somente sobre estruturas políticas e econômicas, mas também sobre os modos pelos quais os sujeitos compreendem a si mesmos e ao mundo. Essa constatação revela que a descolonização não pode ocorrer exclusivamente no campo institucional, mas precisa alcançar também as dimensões simbólicas, epistemológicas e educativas.

Nesse sentido, a pesquisa evidenciou que a inserção de Fanon (2008) no Ensino de Filosofia representa mais do que uma ampliação do conjunto de autores trabalhados em sala de aula. Trata-se de uma oportunidade de questionar os próprios critérios históricos que definiram quais conhecimentos seriam reconhecidos como filosóficos e quais tradições intelectuais permaneceriam marginalizadas. A presença de autores africanos e afro-diaspóricos no currículo filosófico contribui para superar uma compreensão limitada da Filosofia como produção exclusiva da tradição europeia, possibilitando o reconhecimento da pluralidade dos modos humanos de pensar e interpretar a realidade.

A discussão sobre a superação do eurocentrismo curricular demonstrou que o Ensino de Filosofia precisa ser compreendido como um espaço de problematização epistemológica. A Filosofia, enquanto atividade crítica, não deve apenas reproduzir uma tradição historicamente consolidada, mas também questionar seus próprios pressupostos

e ampliar seus horizontes. Nesse aspecto, a perspectiva da afroperspectiva, conforme discutida por Nogueira (2014), apresenta-se como uma contribuição fundamental ao propor uma revisão da história da Filosofia e o reconhecimento das múltiplas experiências culturais como produtoras legítimas de pensamento filosófico.

Além disso, a análise permitiu compreender que uma educação filosófica antirracista não se limita à inclusão de conteúdos relacionados à temática racial, mas exige uma transformação mais ampla das práticas educativas. O pensamento de Fanon (2008) evidencia que o racismo constitui uma estrutura histórica que interfere na produção das subjetividades, nos processos de reconhecimento e nas formas de circulação do conhecimento. Dessa maneira, o professor de Filosofia possui papel fundamental na construção de práticas pedagógicas capazes de estimular nos estudantes a reflexão crítica sobre as relações de poder, as desigualdades históricas e os mecanismos de exclusão presentes na sociedade.

Nesse contexto, a formação docente assume posição central. O educador filosófico comprometido com uma perspectiva antirracista precisa compreender que sua prática não consiste apenas na transmissão de conceitos, mas na criação de condições para que os estudantes desenvolvam autonomia intelectual e capacidade crítica diante da realidade. Conforme discutido ao longo do artigo, a docência filosófica envolve uma dimensão ética, política e epistemológica, pois implica reconhecer quais saberes são valorizados, quais narrativas são legitimadas e quais sujeitos são historicamente silenciados.

A pesquisa também demonstrou que o pensamento fanoniano mantém significativa atualidade diante dos desafios contemporâneos da educação brasileira. Em uma sociedade marcada por desigualdades raciais persistentes, discutir colonialismo, identidade e desumanização torna-se fundamental para construir processos educativos comprometidos com a justiça social e com o reconhecimento da diversidade humana. A Filosofia, nesse cenário, possui uma função indispensável, pois oferece instrumentos conceituais para questionar naturalizações, desconstruir hierarquias e possibilitar novas formas de compreender o sujeito e suas relações com o mundo.

Entretanto, é necessário reconhecer que, por se tratar de uma pesquisa bibliográfica e exploratória, este estudo não pretende esgotar as possibilidades de investigação sobre a relação entre Fanon (2008) e o Ensino de Filosofia. A análise

desenvolvida concentrou-se nas contribuições teóricas da obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* e nos diálogos estabelecidos com autores que discutem ensino filosófico, educação antirracista e perspectivas decoloniais. Estudos posteriores poderão aprofundar essa discussão por meio de pesquisas empíricas envolvendo práticas pedagógicas concretas, experiências docentes e análises de recepção da filosofia fanoniana entre estudantes da Educação Básica.

Dessa forma, conclui-se que Frantz Fanon oferece contribuições fundamentais para a construção de um Ensino de Filosofia mais plural, crítico e comprometido com a emancipação humana. Sua filosofia possibilita compreender que ensinar Filosofia significa também refletir sobre os próprios fundamentos do conhecimento, questionando estruturas históricas que determinaram quais vozes seriam reconhecidas como produtoras de pensamento. Assim, incorporar *Pele Negra, Máscaras Brancas* ao ensino filosófico não representa somente acrescentar um novo autor ao currículo, mas ampliar a própria compreensão do filosofar, reconhecendo que diferentes povos e experiências históricas possuem legitimidade para produzir conceitos, interpretar o mundo e participar da construção do pensamento filosófico.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Rafael Mello. NOGUERA, Renato. Ensino de filosofia e a lei 10639. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 1, n. 2, p. 386-392, 2015.
- BESERRA, Antonio Felipe et al. EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E CAMINHOS DECOLONIAIS NA FORMAÇÃO EDUCACIONAL. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 12, n. 4, p. 1-16, 2026.
- CERLETTI, Alejandro. Didáctica filosófica, didáctica aleatoria de la filosofía. **Educación UFSM**, v. 40, n. 1, p. 27-36, 2015.
- COELHO, Tatiana Costa; COSTA, Elizandra Mendes Mathias. PELE NEGRA, MÁSCARAS BRANCAS: uma análise sobre as relações étnicas raciais no município de Ubá-MG. **Caderno Científico UNIFAGOC de Graduação e Pós-Graduação**, v. 7, n. 1, 2021.
- DE ALMEIDA ARAÚJO, Aldevane. Educação decolonial e antirracista: a importância do pensamento fanoniano. **Revista Eletrônica Discente História.com**, v. 7, n. 14, p. 241-255, 2020.
- DE CASTRO, Ewerton Helder Bentes. Análise Crítica do Livro 'Pele Negra, Máscaras Brancas' de Frantz Fanon. **AMazônica**, v. 17, n. 2, p. 798-805, 2024.

DOS SANTOS ROCHA, Gabriel. Antirracismo, negritude e universalismo em Pele negra, máscaras brancas de Frantz Fanon. **Sankofa (São Paulo)**, v. 8, n. 15, p. 110-119, 2015.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Deivison Mendes. O que Fanon disse, afinal? Lewis Gordon e a defesa de uma abordagem fanoniana. **Plural**, v. 22, n. 2, p. 247-253, 2015.

FAUSTINO, Deivison Mendes. SARTRE, FANON E A DIALÉTICA DA NEGRITUDE: DIÁLOGOS ABERTOS E AINDA PERTINENTES SARTRE, FANON AND THE DIALECTIC OF BLACKNESS: OPEN AND STILL RELEVANT DIALOGUES. **Revista ENTRELETRAS (Araguaína)**, v. 11, n. 2, 2020.

GABRIEL, Fábio Antonio; PEREIRA, Ana Lúcia; MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli. Compreensão e perspectivas de pesquisadores acerca do ensino de filosofia no ensino médio. **Educação: Teoria e Prática**, v. 32, n. 65, 2022.

GALLO, Silvio. Filosofia do ensino de filosofia. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, v. 15, n. 1, p. 156-160, 2024.

GORDON, Lewis Ricardo. FANON SOBRE CADÁVERES, LOUCURA E OS CONDENADOS. **EntreLetras**, v. 13, n. 3, 2022.

LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança. **Educação & sociedade**, v. 20, n. 68, p. 239-277, 1999.

LIMA, Denise Maria Soares. **Corpos negros, linguagens brancas: o mito da boa-aparência**. Editora Appris, 2021.

MBEMBE, Achille. A universalidade de Frantz Fanon. **Cidade do Cabo**, v. 2, 2011.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Tradução de Marta Lança. Editora Antígona, Portugal: Lisboa, 2014.

MENDES, Lavínia de Sousa Almeida. O SER NEGRO EM PELE NEGRA, MÁSCARAS BRANCAS, DE FRANTZ FANON. **Revista Em Favor de Igualdade Racial**, v. 8, n. 4, p. 158-174, 2025.

MORAES, Amaury César. Parecer sobre o ensino de Filosofia e de Sociologia. **Mediações**, v. 12, n. 1, p. 239-248, 2007.

NOGUERA, Renato. **O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

PEROVANO, Dalton Gean. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. Editora Intersaberes, 2016.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

ROCHA, Gabriel dos Santos. Antirracismo, negritude e universalismo em Pele negra, máscaras brancas de Frantz Fanon. **Sankofa (São Paulo)**, São Paulo, Brasil, v. 8, n. 15, p. 110–119, 2015. DOI: 10.11606/issn.1983-6023.sank.2015.102437. Disponível em: <https://revistas.usp.br/sankofa/article/view/102437>. Acesso em: 10 jul. 2026.

RODRIGO, Lidia Maria. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio.** Autores associados, 2021.

SOUZA, Gabriela Macedo Pereira de. **O ensino de filosofia na educação básica: uma crítica decolonial.** 2025. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

TEIXEIRA, Eberson; RIBEIRO, Everton Nery. Pele negra, máscaras brancas: uma resignificação decolonial de uma alteridade martinicana/africana. **Revista Cactácea—Educação, Filosofia**, v. 2, n. 4, 2022.

Submissão: fevereiro de 2026. Aceite: março de 2026. Publicação: julho de 2026.